

UM ESBOÇO HISTÓRICO DA HERMENÊUTICA BÍBLICA: Da época do Novo Testamento aos dias atuais

Dr. Antonio Renato Gusso¹

RESUMO

Como o título já informa, este artigo apresenta um esboço histórico a respeito dos métodos predominantes de interpretação bíblica nos vários períodos da história, que vai da época do próprio Novo Testamento até a atualidade. Sem entrar em muitos detalhes, ele destaca as características principais da Interpretação Judaica na Época do Novo Testamento, da Interpretação no Período Inicial do Cristianismo Pós Novo Testamento, bem como as da Interpretação nos períodos da Idade Média, da Reforma, do Confessionalismo, do Histórico-Crítico e do Pós-Modernismo.

Palavras-chaves: Hermenêutica Bíblica. História da Hermenêutica.

ABSTRACT

As the title already states, this article presents a historical sketch about the primary methods of biblical interpretation in different periods of history, from the time of the New Testament until the present. Without expounding extensive details, it highlights the main traits of Jewish interpretation during the New Testament

¹ O autor tem Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião pela UMESp e Pós-Doutorado em Teologia pela EST (São Leopoldo). É diretor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí) e professor da Faculdade Teológica Batista do Paraná. E-mail: renatogusso@hotmail.com

period, Christian Interpretation after the New Testament period, as well as during the Middle Ages, Reformational, Confessional, Historical-critical and Post-modern periods.

Keywords: Biblical hermeneutics. History of hermeneutics.

INTRODUÇÃO

Sempre que existir alguma forma de escrito e leitores para eles, com certeza haverá também a prática da interpretação. Não há como fazer uma leitura sem tomar algum tipo de posição em relação ao texto. Contudo, nem sempre a maneira de interpretar tem sido ou será a mesma. Será visto nos pontos abaixo que, em paralelo com a trajetória da utilização da Bíblia, existe uma história de sua interpretação, a qual mostra, em cada uma de suas fases, maneiras diferentes de interpretar.

O conhecimento desta história, ainda que em linhas gerais, como será apresentada neste esboço, pode ser útil para o intérprete atual. Observar os erros e os acertos do passado, bem como as incoerências do presente, é uma atitude sábia daquele que deseja evitar dificuldades no futuro. Portanto, é sempre salutar observar com atenção como agiram os intérpretes que antecederam o período atual, ou ainda labutam nesta tarefa tão especial, e aprender com eles a como fazer ou não fazer.

Não há a intenção neste artigo de apresentar uma história da hermenêutica. Como o título já aponta, o objetivo é esboçar, apenas, uma linha geral que possa dar ao leitor uma visão panorâmica do assunto. Isto será feito dividindo e apresentando o tema em sete períodos, chamados de: 1) A Interpretação Judaica na Época do Novo Testamento; 2) A Interpretação no Período Inicial do Cristianismo Pós Novo Testamento; 3) A Interpretação no Período da Idade Média; 4) A Interpretação no Período da Reforma; 5) A Interpretação no Período do Confessionalismo; 6) A Interpretação no Período Histórico-Crítico e 7) A Interpretação no Período Pós-Moderno. Também não se defende aqui que em cada um dos períodos tratados somente um tipo de interpretação foi utilizado. Com certeza métodos variados têm sido empregados lado a lado, pelos mesmos ou diferentes intérpretes, em um mesmo período. Os períodos apenas destacam as ênfases de suas épocas. Segue a explanação de cada um deles.

1. A INTERPRETAÇÃO JUDAICA NA ÉPOCA DO NOVO TESTAMENTO

Na época em que os acontecimentos narrados no Novo Testamento estavam ainda em andamento, a Bíblia já vinha sendo interpretada. Naturalmente, não existia uma Bíblia como hoje é conhecida, formada pelo Antigo e pelo Novo Testamento, pois esta

segunda parte ainda não havia sido escrita, e a primeira era formada por livros soltos e não colecionados em um volume, como acontece na atualidade. Mas, assim mesmo, a primeira parte era bem conhecida e recebia interpretações já por vários séculos, a partir de sua versão hebraica ou grega - a Septuaginta (LXX).

É possível afirmar que havia, por esta época, no meio judeu, duas formas principais de interpretá-la, ambas baseadas na concepção do que era considerado Palavra de Deus. Para o grupo dos chamados saduceus, os quais compunham a parte principal da classe sacerdotal, apenas a primeira divisão do Cânon Hebraico tinha autoridade normativa. Para eles, só a porção atualmente chamada de Pentateuco, formada pelos atuais livros de Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, conhecida na época como Lei (*Torá*), era considerada Palavra de Deus. Isto levava a uma interpretação bastante diferente da praticada pelos fariseus, que aceitavam como sendo Palavra de Deus as três divisões do Antigo Testamento: Lei, Profetas e Escritos (*Torá, Neviim e Ketuvim*), além da tradição.

Paulo, conhecendo estas diferenças a respeito da interpretação que havia entre saduceus e fariseus, em certa ocasião causou grande tumulto diante do Sinédrio ao declarar que estava sendo julgado por causa da ressurreição dos mortos, questão descartada pelos saduceus, pois o Pentateuco não trata deste assunto, mas aceita por fariseus que tinham também outras partes do Antigo Testamento mais a tradição como base para suas doutrinas. Veja a passagem de Atos, na versão Revista e Atualizada de Almeida, como segue:

⁶ Sabendo Paulo que uma parte do Sinédrio se compunha de saduceus e outra, de fariseus, exclamou: Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus! No tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado! ⁷ Ditas estas palavras, levantou-se grande dissensão entre fariseus e saduceus, e a multidão se dividiu. ⁸ Pois os saduceus declaram não haver ressurreição, nem anjo, nem espírito; ao passo que os fariseus admitem todas essas coisas.

⁹ Houve, pois, grande vozeria. E, levantando-se alguns escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Não achamos neste homem mal algum; e será que algum espírito ou anjo lhe tenha falado? ¹⁰ Tomando vulto a celeuma, temendo o comandante que fosse Paulo despedaçado por eles, mandou descer a guarda para que o retirassem dali e o levassem para a fortaleza (At 23.6-10).²

A interpretação de Jesus, ainda que levasse em conta o Cânon em sua totalidade, da

² BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

mesma forma que os fariseus, diferia dos padrões judaicos normais. Sua interpretação deixava de lado o literalismo extremo do texto, buscando o “espírito” do mesmo. Ia, também, contra os saduceus, que ficavam com apenas parte das Escrituras (Mt 22.23-33) e, ao mesmo tempo, censurava os fariseus que iam além delas, dando mais valor à tradição do que aos Textos Sagrados (Mt 15.1-9). Veja os textos abaixo, de acordo com a Versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida:

²³ Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: ²⁴ Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. ²⁵ Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; ²⁶ o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; ²⁷ depois de todos eles, morreu também a mulher. ²⁸ Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram. ²⁹ Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. ³⁰ Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. ³¹ E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: ³² Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. ³³ Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina (Mt 22.23-33).³

¹ Então vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: ² Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. ³ Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? ⁴ Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. ⁵ Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; ⁶ esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. ⁷ Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: ⁸ Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. ⁹ E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens (Mt 15.1-9).⁴

Na interpretação de Jesus também havia espaço para certa seleção do Antigo

³ Sociedade Bíblica do Brasil: Almeida Revista e Atualizada, com números de Strong. Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

⁴ Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

Testamento. Por exemplo, quando questionado a respeito de qual seria o maior dos mandamentos da Lei de Deus, emitindo julgamento de valor entre eles, não teve dificuldades em responder apresentando dois mandamentos, dos quais a maior parte do Antigo Testamento é dependente, as duas primeiras divisões conhecidas como Lei e Profetas, como se observa em Mateus 22.34-40, que diz assim:

³⁴ Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho. ³⁵ E um deles, intérprete da Lei, experimentando-o, lhe perguntou: ³⁶ Mestre, qual é o grande mandamento da Lei? ³⁷ Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. ³⁸ Este é o grande e primeiro mandamento. ³⁹ O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ⁴⁰ Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas.⁵

Outro exemplo de Jesus selecionando partes do Antigo Testamento pode ser visto em Mateus 23.23, onde ele mostra que existem alguns preceitos da lei mais importantes do que outros. Em especial, neste texto, destaca como mais importante a prática da justiça, da misericórdia e da fé, colocando-a acima da prática do dízimo, levada tão a sério pelos fariseus de sua época. Ele disse: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!”⁶

Para concluir este ponto pode-se dizer o seguinte: A interpretação de Jesus era diferente da interpretação dos saduceus e dos fariseus, em especial pela ênfase dada naquilo que era considerado Palavra de Deus. Para os saduceus, apenas o Pentateuco era considerado assim. Desta forma, para Jesus, que considerou todo o Antigo Testamento como Palavra de Deus, os saduceus estavam desconsiderando a maior parte do Texto Sagrado. Por outro lado, os fariseus, que iam além do Texto Sagrado e até mesmo anulavam-no em favor da tradição, também foram criticados por Jesus.

2. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO INICIAL DO CRISTIANISMO PÓS NOVO TESTAMENTO

A partir de um lugar destinado para a instrução de catecúmenos, em Alexandria, no Egito, surgiu uma escola de treinamento de pregadores e professores. O importante escritor e professor Clemente (150-215 d.C.) foi um de seus administradores. Este

⁵ Sempre é bom lembrar que o Cânon Hebraico se divide em três partes, que são: Lei, Profetas e Escritos. Assim, nesta passagem, Jesus se referiu ao menos às suas duas primeiras divisões.

⁶ Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

teve Orígenes (185-254 d.C.) como seu mais famoso pupilo.⁷ Orígenes, por sua vez, foi primeiro na história da igreja a apresentar uma teoria de interpretação bíblica. Demonstrando influência recebida de Filo e Platão, ele elaborou seu método, que pode ser chamado de “alegórico”. Nele, o que realmente interessava ao intérprete não era o que estava escrito no texto, mas, sim, o que estava por trás dele. O importante era buscar o significado oculto, também chamado de mais profundo, pois este é que era considerado o significado verdadeiro, inspirado por Deus.⁸ Esta conclusão de que a Bíblia não foi feita para significar o que diz abertamente acabou tornando-a semelhante a um objeto mágico de onde se extraíam mistérios e verdades.⁹ Veja um exemplo citado por Robinson da extravagante interpretação de Orígenes, ainda aceita por alguns intérpretes hodiernos dados a alegorizar textos não alegóricos. Segundo este autor, Orígenes, ao interpretar o Capítulo 6 de Josué, o relato da batalha de Jericó, sustentou que Josué representava Jesus, e a cidade de Jericó representava o mundo. Os [...] sacerdotes que levavam trombetas ao redor da cidade representavam Mateus, Marcos, Lucas, João, Tiago e Pedro. Raabe, a prostituta, representava a Igreja, que é composta de pecadores; e o cordão vermelho que ela exibiu para se livrar com toda sua casa, era o sangue de Cristo.¹⁰

Além da forma apresentada no parágrafo anterior, o método de Orígenes apontava para a necessidade de se procurar pelo menos três níveis de significados na Bíblia. No primeiro nível estava a busca do sentido literal, ou primário, que não era levado muito a sério. No segundo buscava-se o significado psíquico ou moral, relacionado com a vida religiosa do presente e, finalmente, o terceiro e mais importante para ele, o sentido espiritual, que dizia respeito à vida futura e celestial.¹¹ Aqueles que lançaram mão deste método de interpretação, muitas vezes, ficaram limitados somente pela própria imaginação. Mesmo assim, este método se tornou o método dominante no período inicial da Igreja, seguiu firme até a Idade Média por meio de personagens como Anselmo e outros, sobrevivendo até a atualidade em alguns meios que rejeitam

⁷ CURTIS, Bill. The origins of biblical hermeneutics. In: AKIN, Daniel L.; CURTIS, Bill; RUMMAGE, Stephen. *Engagin exposition*. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 2011. p. 19.

⁸ MÜLLER, Ênio R. O método histórico-crítico - uma avaliação. In: FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 239.

⁹ NEWPORT, John P. A interpretação da Bíblia. In: ALLEN, Clifton. J. (Ed. Ger.). *Comentário bíblico Broadman: Velho Testamento*. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. p. 51.

¹⁰ ROBINSON, Haddon W. *Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos*. São Paulo: Shedd, 2003. p. 95.

¹¹ MÜLLER, 2001, p. 239.

a instrução como necessária para a prática da hermenêutica bíblica.¹²

Como certa reação contra o método de Orígenes, surgiu, mais tarde, a chamada escola de Antioquia. Seus principais representantes foram Crisóstomos (falecido em 407 d.C.), conhecido como o maior pregador da igreja antiga, e Teodoro de Mopsuéstia (falecido em 429 d.C.), destacado como o maior dos exegetas deste período. A diferença destes em relação a Orígenes e à escola de Alexandria repousava sobre o conceito de inspiração. Enquanto Orígenes, assim como outros da escola de Alexandria, via a inspiração como declarações produzidas em estado de êxtase, os da escola de Antioquia entendiam que ela era um impulso divino sobre os autores, que continuavam sob o controle de suas próprias consciências. Assim, era normal para Orígenes buscar os significados ocultos como também o era para os de Antioquia procurar, principalmente, o sentido literal, ainda que não excluíssem os sentidos tipológicos e alegóricos.¹³ Com certeza, a questão da opinião a respeito da inspiração, assim como no passado, continua na atualidade a levar a interpretações diferentes. Da mesma forma, aqueles que creem na inspiração como um ditado verbal de cada palavra tendem a encontrar significados ocultos na Bíblia, enquanto os que creem na inspiração como um impulso divino sobre os autores buscam mais o significado literal de cada passagem.

De acordo com Paulo Anglada, Orígenes é o criador de uma das mais fantasiosas e conhecidas interpretações alegóricas da chamada Parábola do Bom Samaritano. Segundo este autor, Orígenes entendeu que o homem atacado significava Adão, no sentido de humanidade; Jerusalém, os céus; a cidade de Jericó, o mundo; os ladrões representavam o diabo e seus anjos; o sacerdote representava a lei, já o levita representava os profetas; o samaritano, o próprio Jesus; o animal, o corpo de Cristo, que suportou o Adão caído; a estalagem seria a igreja; as duas moedas representariam o Pai e o Filho, e a promessa feita pelo samaritano de voltar indicava também a volta de Cristo.¹⁴

Agostinho, que viveu entre 354 e 430 d.C., utilizou praticamente a mesma interpretação de Orígenes para este texto, com pequenas diferenças, e serve como exemplo de como interpretações feitas por intérpretes de destaque podem influenciar outros no futuro, além de mostrar do que um intérprete era capaz de deduzir dos

¹² CURTIIS, 2011, p. 19-20.

¹³ MÜLLER, 2001, p. 240.

¹⁴ ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeau: Knox Publicações, 2006, p. 31.

textos bíblicos neste período. Veja a interpretação de Lucas 10.30-37 defendida por Agostinho, segundo Hayes e Holladay. Ele, analisando o texto, entendeu que:

O homem que descia de Jerusalém para Jericó representa Adão. Jerusalém é a cidade celestial da paz da qual Adão veio a cair. Jericó significa a lua e aponta para a mortalidade humana. Ela nasce, desenvolve-se, minguia e morre. Os bandidos que atacam Adão são o Diabo e seus anjos. Eles o despojam da imortalidade e o espancam para persuadi-lo a pecar. Eles o abandonam quase morto. O sacerdote e o levita, os quais passam pelo homem sem ajudá-lo, são os ministros do Antigo Testamento, o qual não pode trazer salvação. O termo Samaritano significa Tutor. Sendo assim, ele é uma referência ao próprio Jesus. As faixas colocadas sobre os ferimentos significam a repreensão do pecado. Óleo é o conforto da boa esperança e o vinho é a exortação para que se trabalhe com um espírito fervoroso. O animal no qual o homem estava montado significa a carne na qual Jesus apareceu entre os homens. Ser colocado sobre o animal é crer na encarnação de Cristo. A hospedaria para a qual o homem foi levado é a igreja, onde as pessoas são confortadas em sua peregrinação de retorno para a cidade celestial. As duas moedas que o Bom Samaritano entregou para o hospedeiro é a promessa desta vida e do que virá, ou, ainda, os dois principais sacramentos. O hospedeiro é o apóstolo Paulo.¹⁵

Pode parecer estranho, mas ainda nos dias atuais, mesmo falando de assuntos totalmente diferentes daquilo que o texto em si apresenta, esta interpretação alegórica ainda tem sido utilizada por pregadores evangélicos como a correta para a passagem em foco. Sua influência continua sendo muito forte.

Só para encerrar este ponto, como bem destacou Paulo Anglada, a subjetividade desta forma de interpretação fica clara quando se comparam as diferenças já apresentadas no decorrer da história em relação ao significado, por exemplo, das duas moedas que são citadas na parábola. Elas já foram interpretadas como: “o Pai e o Filho, o Antigo e o Novo Testamento, os dois mandamentos do amor (a Deus e ao próximo), fé e obras, virtude e conhecimento, o corpo e o sangue de Cristo, as promessas de vida presente e futura”,¹⁶ entre outros. Como se vê, a interpretação, neste caso, depende da criatividade do intérprete.

¹⁵ HAYES, J. H.; HOLLADAY, C. R. *Biblical exegesis: a beginner's handbook*. Atlanta: John Knox Press, 1987. p. 20. (Texto traduzido por Antônio Renato Gusso)

¹⁶ ANGLADA, 2006, p. 31.

3. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO DA IDADE MÉDIA

Este período é bastante longo, pois se estende de aproximadamente 500 até 1500 d.C., e não deve ser tomado aqui com muita precisão na questão de tempo. A interpretação na Idade Média, ainda que não de forma exclusiva, foi fortemente influenciada pelo método alegórico de Orígenes e da escola de Alexandria. Normalmente a Bíblia era interpretada buscando-se, pelo menos, dois significados - o literal e o oculto - mas poderia chegar até mesmo ao número de sete significados. O método mais popular utilizado pelo catolicismo buscava quatro sentidos, que são:

- 1) O sentido histórico literal, procurando descobrir o significado pretendido pelo autor;
- 2) O sentido alegórico, que tinha como função chamar à fé;
- 3) O sentido moral, governador da conduta do cristão;
- 4) O sentido anagógico,¹⁷ dizendo respeito ao destino final do crente.¹⁸

É claro que havia exceções neste período, principalmente mais para o final, depois de 1100 d.C. Entre elas estão as formas de interpretação praticadas por Tomás de Aquino, que se preocupava mais em dar o significado primário do texto, e a escola de S. Víctor, influenciada pela exegese praticada pelos rabinos, na mesma época.¹⁹

4. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO DA REFORMA

Ainda que desde o início do cristianismo tenham sido feitos alguns esforços para que a Bíblia fosse interpretada a partir de princípios gramaticais, históricos e teológicos, a principal tentativa ocorreu no século XVI, na época dos reformadores. Opondo-se à interpretação dos eruditos patrísticos e medievais, os reformadores enfatizaram a necessidade de interpretar a Bíblia em seu sentido literal, destacando este significado como a única fonte de autoridade em matéria de religião cristã. Assim, a Bíblia, que vinha sendo interpretada à luz da tradição, passa a ter prioridade sobre a tradição e a julgá-la.²⁰

Muitos estudiosos identificam o dia 31 de outubro de 1517, o dia em que Martinho Lutero (1483-1546 d.C.) fixou suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, na Alemanha, como o início da Reforma.²¹ Dizer isto talvez seja simplificar demais a

¹⁷ Este termo é oriundo do verbo grego *anago* (ἀνάγω) que possui, entre outros, os significados de: levar para cima, elevar, enaltecer, reconduzir à pátria, etc.

¹⁸ MÜLLER, 2001, p. 240-241.

¹⁹ MÜLLER, 2001, p. 241.

²⁰ NEWPORT, 1986, p. 53.

²¹ CURTIS, 2011, p. 21.

questão. Mas o importante neste ponto do artigo é lembrar, como fez Newport, que Lutero abandonou o método quádruplo de interpretação que vinha sendo praticado desde a Idade Média, chamou o método alegórico, zombeteiramente, de “truques de macaco”, que serviam apenas para demonstrar a esperteza do exegeta, e passou a defender que o texto deveria ser entendido em seu significado claro, dentro de seu contexto. Por isso, ele enfatizou a necessidade do estudo da história e das línguas originais da Bíblia²² e de se buscar o significado primário, permitindo-se outros sentidos apenas quando o próprio texto apontava para isto.²³ Ele nem sempre seguiu de forma fiel a hermenêutica literal que defendia, mas enfatizou três princípios básicos de interpretação, que eram: 1) A Escritura é a única forma de revelação e deve ser interpretada por ela mesma; 2) Toda passagem da Escritura possui apenas um significado e 3) Existem alguns problemas nas Escrituras que não podem ser resolvidos.²⁴

Considerado o maior intérprete da Reforma, João Calvino, da mesma maneira que Lutero, também interpretou a Bíblia em seu significado histórico e gramatical.²⁵ Quanto à Igreja Católica, nesta fase não apresentou progresso na área de interpretação. Reagindo contra os reformadores, insistiu que a interpretação deveria ser feita com base na versão bíblica em latim - a tradução feita por Jerônimo, conhecida como Vulgata - levando-se em conta a tradição da Igreja e dos primeiros pensadores do cristianismo, os chamados Pais da Igreja. Em outras palavras, não foi dado o direito da interpretação particular: só a Igreja poderia interpretar a Bíblia.²⁶

5. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO DO CONFSSIONALISMO

O período seguinte ao da Reforma pode ser chamado de “Período das Confissões de Fé”. Os protestantes não aceitavam submeter suas interpretações às normas estabelecidas pelos concílios e papas. Ao mesmo tempo, ainda que na teoria afirmassem que “a Escritura interpretava a Escritura”, na prática corriam o sério risco de terem suas interpretações atreladas às confissões de fé, que surgiam em grande número, como resultado das muitas divisões que havia na Igreja,²⁷ problema cada vez maior na Modernidade.

²² NEWPORT, 1986, p. 53.

²³ MÜLLER, 2001, p. 240-242.

²⁴ CURTIS, 2011, p. 21.

²⁵ NEWPORT, 1986, p. 53.

²⁶ BERKHOF, Louis. *Princípios de interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. p. 30.

²⁷ BERKHOF, 1981, p. 31-32.

Nesta época a interpretação ficou atrelada às Confissões de Fé e, naturalmente, submissa à dogmática (Teologia Decretada), mais conhecida nos meios evangélicos como Teologia Sistemática. Os esforços empreendidos no estudo bíblico interpretativo, nesta época, não passavam de uma busca de textos que provassem as declarações de fé de antemão estabelecidas.²⁸ Nesta busca, muitas vezes, as interpretações foram “forçadas” para apoiar aquilo que já estava determinado nas confissões como sendo verdade em matéria de fé.

Foi neste período, como uma reação aos intérpretes confessionais, que surgiu o movimento conhecido como Pietismo. Um de seus principais representantes, em matéria de interpretação bíblica, foi Johann Albrecht Bengel. Ele não se limitava a interpretar e expor os textos, mas, principalmente, exortava à aplicação das mensagens à vida pessoal. Os seguintes passos metodológicos eram levados em conta na sua interpretação:

- 1) O estabelecimento do texto;
- 2) A busca dos significados das palavras;
- 3) O estabelecimento do contexto;
- 4) A verificação do contexto bíblico;
- 5) Auxílio obtido na verificação do fundo histórico;
- 6) O significado geral do texto como um todo e
- 7) A aplicação.²⁹

Uma simples observação à lista acima já mostra que ela contém orientações importantes para se chegar ao significado do texto intencionado pelo seu autor.

6. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO HISTÓRICO-CRÍTICO

Um dos principais motivos que levou ao surgimento do estudo histórico-crítico da Bíblia foi o desejo de adequação à ênfase científica dada nos meios acadêmicos nos séculos dezoito e dezenove. Com a pressuposição de que o ser humano era o centro do universo e que tudo deveria ser julgado por sua racionalidade, as antigas interpretações, baseadas na fé, foram dando lugar a métodos considerados científicos.³⁰ Assim, a inspiração e infalibilidade das Escrituras foram negadas e a Bíblia passou a ser interpretada como qualquer outro livro. Retirando dela o valor sobrenatural, os intérpretes passaram a, apenas, discutir questões históricas e críticas

²⁸ BERKHOF, 1981, p. 32.

²⁹ MÜLLER, 2001, p. 244.

³⁰ MÜLLER, 2001, p. 245, 246.

que a envolviam,³¹ o que, certamente, não demonstrou valor prático para a Igreja. Como destacou Lopes, o método histórico-crítico tirou da Bíblia o status de Palavra de Deus e a transformou em um simples testemunho de fé do povo de Israel e da Igreja Primitiva.³²

7. A INTERPRETAÇÃO NO PERÍODO PÓS-MODERNO

Lá pela metade do século 20 começaram a surgir várias teorias hermenêuticas que podem ser classificadas como Pós-modernas. Elas são o resultado da influência do trabalho de, entre outros, F. Schleiermacher, R. Bultmann, F. Saussure, K. Barth, H-G Gadamer e J. Derrida.³³ Elas se dividem em muitas, mas possuem alguns pontos em comum, entre eles estes dois de destaque: 1) A ênfase na sincronia do texto e não na diacronia, ou seja, procura analisar o texto em si, ignorando sua história e 2) Partem do princípio de que o texto possui múltiplos sentidos e não apenas um. Na verdade, esta abordagem parece ser uma espécie de retorno à alegoria,³⁴ onde os sentidos do texto dependem da criatividade do intérprete e não da intenção dos autores.

Para ajudar a entender esta época histórica da interpretação, que entre outros pontos destaca a “morte” do autor e a necessidade de “desconstrução” do texto, um livro excelente é o de Kevin Vanhoozer: *Há um significado neste texto?* Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. Nele, do ponto de vista da teologia reformada, o autor apresenta um panorama do período, como se chegou a esta situação e quais as consequências para a interpretação. Seu enfoque, ainda que esteja baseado em vários autores e correntes, destaca principalmente a obra de Derrida.³⁵

Para que se sinta um pouco da dificuldade que aqueles que creem na Bíblia como verdade absoluta vinda de Deus têm para transitar entre os métodos pós-modernos, basta lembrar o destaque que Daniel Kerber dá a respeito do pensamento pós-moderno. Ele diz o seguinte: A marca do pensamento pós-moderno é a morte da verdade.³⁶ Assim, como conciliar esta afirmação com as bases da fé cristã? Como palavra final para esta breve descrição do Período Pós-moderno, parece importante

³¹ BERKHOF, 1981, p. 36.

³² LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 194.

³³ LOPES, 2007, p. 225.

³⁴ LOPES, 2007, p. 225-226.

³⁵ VANHOOZER, Kevin. *Há um significado neste texto?* Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

³⁶ KERBER, Daniel. Faithful translation in age of multiple modernities. In: *The Bible translator*. Reading, England: The United Bible Societies, 2012. p. 133.

dizer o seguinte: Percebe-se que na interpretação pós-moderna não existe errado, pois todos estão certos, sejam quais forem as suas interpretações para determinado texto, pois tudo depende da criatividade do leitor, com exceção, é claro, daquele que crê na existência do certo e do errado; este, para os pós-modernos convictos, está sempre errado.

CONCLUSÃO

Ainda cabe uma palavra ao final deste esboço histórico da hermenêutica bíblica. O assunto, para fins didáticos, foi explanado período por período, mas isto não significa que em cada um deles só se utilizava uma forma de interpretação, a que foi destacada no escrito. Não, assim como na atualidade, também no decorrer da história muitos métodos têm sido utilizados, por pessoas diferentes mas em períodos comuns. Os métodos, ou tendências, relacionados acima com determinados períodos, são os que se destacaram, ou se destacam, mas sempre estiveram longe de conseguir a unanimidade.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. **Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos linguísticos**. Ananindeau: Knox Publicações, 2006.

BERKHOF, Louis. **Princípios de interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CURTIS, Bill. The origins of biblical hermeneutics. In: AKIN, Daniel L.; CURTIS, Bill; RUMMAGE, Stephen. **Engagin exposition**. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 2011.

HAYES, J. H.; HOLLADAY, C. R. **Biblical exegesis: a beginner's handbook**. Atlanta: John Knox Press, 1987.

KERBER, Daniel. Faithful translation in age of multiple modernities. In: **The Bible**

translator. Reading, England: The United Bible Societies, 2012.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 194.

MÜLLER, Ênio R. O método histórico-crítico - uma avaliação. In: FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês: um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2001.

NEWPORT, John P. A interpretação da Bíblia. In: ALLEN, Clifton. J. (Ed. Ger.). **Comentário bíblico Broadman: Velho Testamento.** Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

ROBINSON, Haddon W. **Pregação bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos.** São Paulo: Shedd, 2003.

Sociedade Bíblica do Brasil: **Almeida revista e atualizada, com números de Strong.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.